A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA EM CRIANÇAS COM TRANSTORNO DE ESPECTRO AUTISTA (TEA)

ADRIANA CALEJON MADEU TEIXEIRA

RESUMO
Através das narrativas, a humanidade evoluiu, permitindo que as gerações futuras aprendessem com os sucessos e falhas de seus predecessores, o que resultou na ampla utilização desse recurso na educação infantil. Reconhecendo a força dessa ferramenta, percebe-se a necessidade de integrar o público TEA (Transtorno do Espectro Autista) nessas atividades, uma inclusão assegurada por legislação. Assim, este trabalho visa investigar estratégias que permitam ao contador de histórias facilitar a inclusão do público TEA, levando em conta as particularidades do transtorno. Trata-se de uma revisão de literatura, utilizando como critérios de inclusão artigos em português relacionados à temática abordada, publicados no ano de 2019 a 2024, encontrados nas bases de dados Scientific Electronic Library Online, Biblioteca Virtual em Saúde e Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Conclui-se que através da contação de histórias as crianças com autismo podem interagir mutualmente e que essa linguagem artística é um importante catalisador da comunicação desses sujeitos
Palavras-chaves: Inclusão, TEA, Contação de Histórias

ABSTRACT
It is through stories that human beings have developed, enabling future generations to learn from the successes and mistakes of their ancestors, which has led to this resource being widely used in early childhood education. And recognizing the power of this tool, there is a need to promote the inclusion of the ASD (Autism Spectrum Disorder) public in these activities, an inclusion guaranteed by law. Therefore, this work aims to explore possible strategies that enable storytellers to promote the inclusion of the ASD public, taking into account the characteristics of the disorder. This is a literature review, using as inclusion criteria articles in Portuguese related to the topic addressed, published between 2019 and 2024, found in the Scientific Electronic Library Online, Virtual Health Library and Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel databases. It is concluded that through storytelling, children with autism can interact mutually and that this artistic language is an important catalyst for communication between these individuals.
Keywords: Inclusion, ASD, Storytelling

INTRODUÇÃO

A leitura, mais do que desemaranhar um código, possibilita ao leitor decifrar a si, adentrar em outros mundos- sejam eles do mundo real ou do criado pelas palavras. A priori, é uma temática amplamente discutida na academia, mas, nem por isso, esgotada; há, ainda, muitas veredas a serem percorridas e desbravadas, especialmente se levarmos em consideração o letramento emergente e as suas contribuições à aquisição da lecto escrita. Partindo dessa premissa, este estudo pode contribuir no desenvolvimento dessas competências, especialmente se considerarmos crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) (BATISTELLO et al, 2020).

Contar histórias sempre vai estar presente no currículo da educação básica, essa atividade pode parecer simples de ser absorvida por um público de desenvolvimento típico, mas quando se considera a inclusão do público dentro do Transtorno do Espectro Autista (TEA), as metodologias usuais vão despertar o mesmo efeito neste público? O público TEA nos últimos anos conquistou muitos direitos e entre eles o direito de inclusão e socialização no ensino básico, porém, é possível considerar que o direito a inclusão pode ser garantido no momento de ouvir histórias? Existem metodologias que podem ser utilizadas pelos docentes no momento de contar histórias?

Mendes, Septimo, Conceição e Duarte (2022) explicitam que a escola, como instituição social, é um agente importante para a inserção do grupo de indivíduos, outrora marginalizado e excluído da sociedade, participando de modo pleno do convívio social por meio da manutenção do direito ao acesso à escola, à sua permanência no ambiente escolar e ao aprendizado

Todos nas escolas, professores, coordenadores e funcionários, devem criar um ambiente que propicie a inclusão aos deficientes em seus diversos graus, e para a classe como um todo; não havendo rejeição e tentando impedir que as crianças ajudem demais aos portadores de necessidades especiais, ao contrário cirando um clima em que todos se desenvolvam dentro de suas possibilidades.

Através da a Lei de Diretrizes e Base da Educação, a Constituição Brasileira, por conseguinte, a Declaração de Salamanca e a Declaração Universal dos Direitos Humanos, os alunos portadores de necessidades educativas especiais, tem como direito uma revisão à prática pedagógica, onde a mesma é um direito garantido, reconhecidas pela humanidade.

CONTAR HISTÓRIAS E O TEA

Este texto destaca a contação de histórias e as brincadeiras em sala de aula regular como estratégia de fortalecimento da inclusão do aluno com TEA, uma vez que através das brincadeiras e contações de história as crianças são incentivadas a imaginar um mundo diferente, representar personagens do mundo imaginário e, desta forma, adquirir novos conhecimentos e vocabulário.

Neste sentido, a contação de histórias, Battistello et all(2020) afirmam que quando adentramos o mundo da narrativa, passamos a ativar a imaginação, possibilitando ao leitor, independente da sua idade, navegar por mares nunca navegados pessoalmente, viver experiências nunca vividas ou mesmo sonhadas, se expor a novas sensações, oferecendo ao ouvinte a oportunidade de se transformar em um ser mais humano e sensível.

Ainda sobre a contação de histórias e as fábulas lidas em sala de aula, Basttistello et all (2020) disserta que:

As fábulas, nesse sentido, cuja origem está na tradição oral, apresentam-se como possibilidade de trabalho com a Literatura já desde a Educação Infantil, uma vez que a abordagem traz afirmações de fatos imaginários sem intenção deliberada de enganar, mas de promover uma crença na realidade dos acontecimentos.

Não importa se contamos para instruir ou divertir, para curar, salvar ou embalar. O que não podemos esquecer é que temos nas mãos, ou melhor, na voz, um produto oriundo do imaginário dos nossos ancestrais e, se queremos nos apropriar dele para encantar, é necessário a consciência de que “o amor à palavra é uma virtude; seu uso, uma alegria” (ZUMTHORM 2001, p. 73, apud BUSATTO, 2023).

Sonhos, esperanças e criatividade são sentimentos de difícil acesso para crianças com TEA, desta forma, ao fazermos presente em nossas aulas tanto a contação de histórias através da oralidade, quanto leituras de livros de contos diversos acoplados às brincadeiras, buscamos incentivar estudantes com TEA a desenvolver sua criatividade e a ampliar seu campo social, uma vez que tanto a contação de história, ou leitura de histórias, quanto as brincadeiras ,possibilitam ao aprendiz, decifrar a si mesmo, adentrando em outros mundos, sejam eles o mundo real ou o criado pelas palavra se pelas imaginações, o que leva a trabalhar a interação e a real inclusão na educação (GOMES et al, 2024).

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de histórias surgiu antes mesmo do homem aprender a escrever, foi a forma encontrada, em épocas passadas, para se estabelecer a comunicação oral. Em momentos atuais percebe-se que as histórias ultrapassam gerações podendo ser encontradas e relembradas nos livros, filmes televisivos ou pelo cinema e até mesmo nos jogos. A prática da contação de histórias surgiu desde os tempos remotos, um costume muito antigo da cultura humana há milhões de anos que se deu antes do desenvolvimento da escrita. Essa foi a forma que a humanidade encon-

trou para expressar e transmitir suas experiências de geração em geração. Os contos exprimem os sentidos da vida, transmitem valores passados de geração para geração (SILVA, 2017).

Portanto, a contação de histórias é um instrumento utilizado como veículo para passar informações através do tempo, e resgatar qualidades necessárias para o desenvolvimento humano, e consiste em apresentar uma narrativa que parte de certa leitura de mundo, atendendo as necessidades de perpetuar um povo. Muito embora, Souza, Archangelo e Mendonça (2020) apresentarem fundamentos paradoxais sobre as transmissões das histórias, concordam que essa experiência possui relevância para o processo de internalização em meio a impermanência de experiências de vida do indivíduo. Nesse sentido, a relação estabelecida entre narrador e ouvinte propicia a interioridade e auxilia na construção do ser.

Os textos literários estimulam tanto a cognição quanto a afetividade, permitindo que o leitor embarque em uma jornada por mundos desconhecidos e instigantes, desenvolvendo a imaginação e despertando a curiosidade. Assim, a leitura torna-se uma forma de perceber o mundo e a realidade ao redor, possibilitando a formação de cidadãos capazes de compreender e transformar a realidade social

Infelizmente, conforme aponta Busatto (2023), o "contar histórias" ainda está excessivamente ligado ao livro. Geralmente, enquanto o professor lê, ele aproveita as figuras para ilustrar sua leitura, o que por si descaracteriza a narrativa, que pressupõe a voz sendo materializada e os afetos sendo oferecidos aos ouvintes, sem que nenhum outro elemento interfira nessa performance.

Acredita-se que ler histórias para os alunos é uma prática que ocupa um significativo espaço no processo pedagógico. Porém, contar histórias vem a ser outra técnica, e nos remete àquela figura ancestral, que, ao redor do fogo, ou ao pé da cama, contava histórias para quem quisesse ouvir, narrava contos do seu povo, aquilo que havia sido gravado na sua memória através da oralidade. (SILVA, 2021)

Trata-se do velho contador de histórias. Sempre que solicitado, lá estava ele, narrando façanhas de heróis e vilões, sem que para isso lançasse mão dos livros, mesmo porque a maioria era analfabeto. Este contador estava inteiramente ligado às culturas primárias (ARAÚJO, 2023).

Ouvir e contar histórias perdeu-se no tempo, com outros interesses preenchendo o espaço que até então era ocupado pelo narrador, fosse ele a mãe, o avô, ou uma pessoa da comunidade.

Não se pretende, com isso, sugerir que o professor se torne uma biblioteca ambulante, dadas as várias histórias que ele teria de memorizar para depois contá-las, mas, sim, sensibilizá-lo para a importância de recuperar este traço de oralidade.

É imprescindível que o "contar histórias" seja diferente do "ler histórias", e, se num primeiro momento, isto pode causar um estranhamento no professor, que se vê acuado diante da proposta: Conte uma história para nós!, no momento seguinte poderemos encontrar este prazer e boa vontade (SILVA FILHO,2024).

Contar histórias pressupõe deixar de lado algumas técnicas pedagógicas aprendidas e ir em busca de algo que foi esquecido, e que permanece em algum lugar do nosso ser, como um conteúdo arquetípico, recebido de herança dos nossos antecessores (SILVA FILHO, 2024).

Uma das grandes vantagens de contar histórias como estratégia pedagógica, é a sua interdisciplinaridade, por meio das histórias os alunos podem aprender sobre diferentes povos e culturas, aumentando seu interesse em outras matérias além da linguagem como, por exemplo, matemática ou educação física com maior eficiência (TAHAN, 1966, apud CAMPOS,MAGNANI,2024).

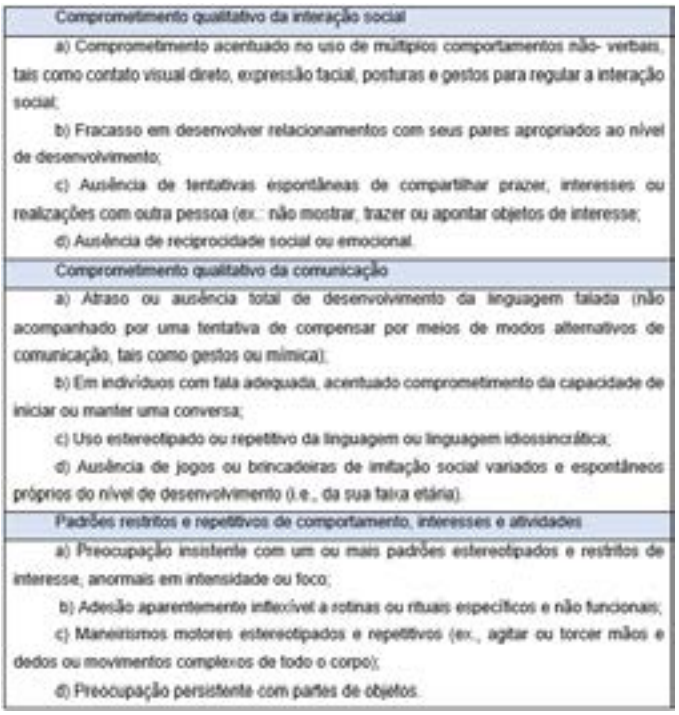
Outra possibilidade que as histórias trazem como recurso no ambiente escolar é trabalhar com os alunos valores universais como liberdade, verdade, justiça, amizade e solidariedade, fazendo a criança refletir na vida em sociedade, assim como experienciar atitudes negativas de personagens, dando a possibilidade para o docente organizar discussões sobre o tema. (CAMPOS, MAGNANI,2024).

Mergulhar neste universo é fascinante para nós, adultos, que esquecemos de nos inebriar com a magia, que dirá para a criança, a qual constrói deliberadamente um mundo onde tudo é possível.
Ao contar uma história estaremos oferecendo um alimento raro, pois iremos colaborar para que o seu universo se amplie e seja mais rico. Enfim, contar histórias, é ser uma testemunha do reencantamento que elas provocam.
Em outras palavras, o contato das crianças com uma variedade de textos literários é crucial para sua formação como leitores do mundo. Quanto mais cedo histórias orais e escritas fizerem parte do cotidiano das crianças, maiores serão as chances de cultivar o prazer pela leitura. O papel do professor, como mediador nesse processo, é fundamental: ele deve ajudar os alunos a se familiarizarem com os textos literários, atuando como uma ponte entre o texto e o leitor que ainda está desenvolvendo sua autonomia na leitura

PÚBLICO INFANTIL COM TEA

O autismo, originado da palavra grega "autos", foi usado pela primeira vez em 1906 pelo psicólogo Eugen Bleuler. É considerada um fenômeno técnico recente, gerando constantes discussões sobre sua causa, tratamento e políticas públicas. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5) define o Transtorno do Espectro Autista (TEA) como uma condição geral caracterizada por baixa interação social, habilidades comunicativas, comportamentos repetitivos e interesses restritos nas atividades propostas (BAI et al, 2019).
Leo Kanner descreveu distúrbios autistas em 1943, caracterizados por extremo isolamento, mesmas tendências e convulsões. Hans Asperger publicou uma teoria em 1944, que também incluía o termo autista. Em 1987, o DSM III reconheceu o autismo como uma transição da psicose para um estágio de desenvolvimento. Na década de 90, a relação entre autismo e déficits mentais intensificou-se, com 70-86% dos quadriláteros autistas apresentando déficits cognitivos. Em 2000, o DSM IV classificou o autismo como um déficit de comunicação social, com o DSMV dividindo-o em déficits sociais e de comunicação, comportamentos repetitivos e transtorno genético (BAI et al, 2019).
Em 2019, o Brasil foi obrigado a incluir dados e informações específicas sobre Transtornos do Espectro Autista (TEA) nos censos demográficos, mas até 2020 o país não possuía dados oficiais sobre esse tema (BRASIL,2019).
Segundo os critérios do DSM-IV-TR, para que se chegue ao diagnóstico do autismo, a criança deve apresentar no mínimo 6 (seis) de um total de 12 (doze) sintomas apresentados no Quadro 1, onde pelo menos dois deles precisam ser da área de interação social, no mínimo um na área de comunicação, e ao menos um na área de comportamentos restritos, repetitivos e estereotipados.

Quadro 1 – Critérios para diagnóstico do autismo

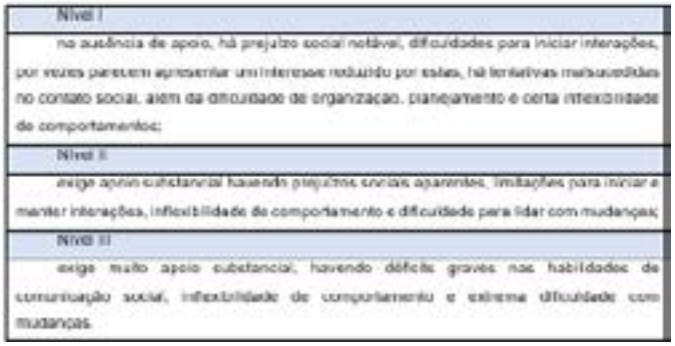


Comprometimento qualitativo da interação social
a) Comprometimento acentuado no uso de múltiplos comportamentos não- verbais, tais como contato visual direto, expressão facial, posturas e gestos para regular a interação social;
b) Fracasso em desenvolver relacionamentos com seus pares apropriados ao nível de desenvolvimento;
c) Ausência de tentativas espontâneas de compartilhar prazer, interesses ou realizações com outra pessoa (ex.: não mostrar, trazer ou apontar objetos de interesse;
d) Ausência de reciprocidade social ou emocional.
Comprometimento qualitativo da comunicação
a) Atraso ou ausência total de desenvolvimento da linguagem falada (não acompanhado por uma tentativa de compensar por meios de modos alternativos de comunicação, tais como gestos ou mímica);
b) Em indivíduos com fala adequada, acentuado comprometimento da capacidade de iniciar ou manter uma conversa;
c) Uso estereotipado ou repetitivo da linguagem ou linguagem idiossincrática;
d) Ausência de jogos ou brincadeiras de imitação social variados e espontâneos próprios do nível de desenvolvimento (i.e., da sua faixa etária).
Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades
a) Preocupação insistente com um ou mais padrões estereotipados e restritos de interesse, anormais em intensidade ou foco;
b) Adesão aparentemente inflexível a rotinas ou rituais específicos e não funcionais;
c) Maneirismos motores estereotipados e repetitivos (ex., agitar ou torcer mãos e dedos ou movimentos complexos de todo o corpo);
d) Preocupação persistente com partes de objetos.

Fonte: Silva e Mulick (2009) apud Silva, 2022

O DSM-5 também apresenta níveis diferentes de autismo que estão relacionados à gravidade do caso, sendo classificados em nível I, nível II e nível III, conforme mostrado no Quadro 2.

Quadro 2 – Classificação dos níveis de autismo



Nível I
na ausência de apoio, há prejuízo social notável; dificuldades para iniciar interações, por vezes parecem apresentar um interesse reduzido por estas; há tentativas malsucedidas no contato social; além da dificuldade de organização, planejamento e certa inflexibilidade de comportamentos;
Nível II
exige apoio substancial havendo prejuízos sociais aparentes; limitações para iniciar e manter interações; inflexibilidade de comportamento e dificuldade para lidar com mudanças;
Nível III
exige muito apoio substancial; havendo déficits graves nas habilidades de comunicação social; inflexibilidade de comportamento e extrema dificuldade com mudanças.

Fonte: Fernandes; Tomazelli e Girianelli (2020)

CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E O TEA

A contação é uma ferramenta que instrui o educando para a descoberta do mundo, de si e das suas emoções, do seu próximo, além de trabalhar a atenção, a memorização, a reflexão, a associação, a imaginação, o raciocínio, a comparação, a sensibilidade, a consciência, a cidadania, a moral, a ética, os valores, entre outros aspectos.

Contar uma história desperta no discente sua curiosidade, sua autonomia, sua maturidade, seu cognitivo, sua motricidade e estimula a imaginação, servindo como um estímulo emocional que contribui para o desenvolvimento pessoal e social, que acaba despertando a busca e o prazer por leitura para descobertas de novos conhecimentos. (SOUZA et al, 2024).

A leitura de uma história requer o envolvimento afetivo do contador e uma entrega apaixonada pela história para que assim possa instigar os educandos ouvintes para serem conduzidos ao mundo da imaginação. Nesse sentido, o contador, ao escolher o gênero textual, necessita de uma boa leitura e do uso de técnicas de expressão corporal para transmitir para seus ouvintes diversos sentimentos, lhes possibilitar o aumento da concentração e da compreensão, incentivar o lado crítico, o vocabulário, a imaginação, a fala, a leitura e novas descobertas de si e do mundo.

A expressão corporal ou linguagem corporal se dá através da movimentação do corpo, ou seja, uma comunicação não verbal que consiste em uma comunicação gestual de expressões faciais, gesticulares ou posturais, podendo assim transmitir sensações, percepção, sentimentos, ideais, entre outras coisas. (SOUZA et al, 2024)

Segundo Dieter et al (2024) os elementos que se poderá usar na sua contação de história poderão ser internos ou externos. Os elementos internos são aqueles que estão no próprio contador de histórias, tais como:

A voz: a voz é a ferramenta chave do contador, ela precisa ser explorada na medida certa, ou seja, nem muito alta e nem muito baixa, de forma suave. Uma boa dicção, pronunciar bem as palavras para que sejam entendidas, é muito importante neste compartilhar pela oralidade, assim como uma fala calma, com pausas e silêncios, quando necessário.

O corpo: o corpo participa da contação da história; é ele que, em muitas ocasiões, vai completar o que se está construindo com a voz. Entretanto, os movimentos devem ser sem exageros.

O olhar: mirar nos olhos daquele que ouve, o olho no olho, conecta. Também é a partir do olhar do outro que conseguiremos, durante o contar, perceber se aqueles que ouvem estão envolvidos ou não na história.

As expressões faciais: é essencial que as expressões do rosto do contador combinem com o que está contando, pois elas vão contribuir na compreensão da história (p.10-11)

Os elementos externos, por sua vez, são encontrados no ambiente, podem ser objetos da natureza, como galhos, folhas, conchas, pedras, ou, também, produtos produzidos pelo homem, como o algodão, tecidos, fitas, talheres, instrumentos de percussão e outros que o professor tenha disponível, sem precisar comprá-los. É interessante que sejam elementos que deem abertura para o imaginar, porque quando oferecemos elementos prontos, estereotipados, como imagens reproduzindo a cena ou fantoches de personagens e bonecos de pelúcia, podemos induzir esse imaginar, ou seja, os ouvintes já terão as imagens estabelecidas: “O importante é que o uso dos objetos não esclareça tudo, mas sim que a imaginação se encarregue de modificar formas[...]” (Busatto, 2003, p. 78 apud Dieter et al, 2024).

De acordo com Adornetti et al (2020), evidências crescentes sugerem que os sujeitos

com TEA têm dificuldade em processos linguísticos de nível superior, como a produção narrativa e a compreensão. A narrativa pode ser definida como um tipo de discurso envolvendo a relação de uma sequência de eventos. Mais especificamente, uma narrativa é caracterizada por uma sequência temporal de eventos que se desdobra em direção a um resultado, ou seja, o final.

Considerando essas definições, Adornetti et al (2020) realizaram um estudo cujo objetivo foi investigar aspectos da compreensão de narrativas visuais em um grupo de crianças com TEA e um grupo controle de crianças com desenvolvimento típico. A compreensão de narrativas visuais foi avaliada pela condução de uma tarefa que exigia que os participantes organizassem imagens fornecidas, a fim de construir uma história coerente e de acordo com um determinado título. Os dois grupos também receberam tarefas destinadas à avaliação de uma série de habilidades cognitivas, tais como, teoria da mente, coerência central e a capacidade das crianças de projetarem o pensamento em episódios futuros. Essas habilidades são apontadas pela literatura especializada como frequentemente prejudicadas em sujeitos com o TEA e, provavelmente ,envolvidas em limitações para produções de narrativas.

Neste sentido, nas situações lúdicas com as histórias, a criança com TEA pode manifestar habilidades de interação e de comunicação não percebidas pelo interlocutor. A literatura tem discutido a importância de olhar e aceitar as diferentes manifestações de comunicação em função da diversidade de habilidades de cada pessoa com TEA. A intencionalidade de uma comunicação pode dar-se por meio de inúmeras manifestações e não somente por meio da fala, tais como: choro, gestos, olhar, expressão corporal, entre outras possibilidades. Tais habilidades são de suma importância, embora seja necessário um sistema de representação compartilhado no meio social, para que as pessoas possam trocar informações e expressar-se de forma mais efetiva (DELIBERATO et al, 2021).

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como do tipo bibliográfica. Para tanto, buscamos produções sobre a temática a partir de livros, artigos científicos em bases de dados digitais, e teses sobre os referidos eixos temáticos acima citados.

De acordo com Fonseca (2002), a pesquisa bibliográfica é caracterizada como uma investigação que se baseia unicamente em materiais teóricos já publicados seja em meio escrito ou eletrônico, e analisados anteriormente, ou seja, trata-se de um método no qual a investigação “se desenvolve a partir de material já elaborado, construído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2008, p. 50).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola é um dos principais responsáveis por ensinar as crianças e ler e escrever, sendo que a para a construção de uma leitura literária nas crianças ainda existem vários desafios, pois é um trabalho complexo que envolve a construção de seres humanos críticos capazes por desenvolver a si mesmo e ao mundo ao seu redor. Para que isso aconteça é importante que o educando se aproprie das histórias, para que dessa maneira consigam fazer sentido em suas vidas e transformem esses educandos sem seres reflexivos.

As histórias ajudam no processo de alfabetização das crianças além da construção de seres humanos leitores que conseguem compreender o mundo e a sociedade de uma forma melhor, pois se tornam seres humanos críticos que se tornam capazes de refletir e interferir ao seu redor construindo dessa maneira um lugar melhor para viver, pois se tornam membros ativos da sociedade.

Neste sentido, é fato que se pode trabalhar as diferentes formas de contação de histórias com crianças e pessoas com autismo, no entanto vale ressaltar que o autismo é um espectro, e, portanto, devemos entende-lo como um leque de variedade, no qual cada pessoa pode apresentar aspectos diversos e diferenciados dos demais, sendo assim, o trabalho tem que ser pensado no sujeito uno e não no coletivo.

REFERÊNCIAS

ADORNETTI, I; CHIERA, Al; DERIU, V et al.. An investigation of visual narrative comprehension in children with autism spectrum disorders. Cognitive Processing, v. 21, p. 435-447, 2020.Disponível em: https://doi.org/10.1007/s10339-020-00976-6.

Bai, Da et al. Association of genetic and environmental factors with autism in a 5- country cohort. JAMA psychiatry, v. 76, n. 10, p. 1035-1043, 2019.

Brasil. Lei Nº 13.861, DE 18 DE JULHO DE 2019. Inclui as especificidades inerentes ao transtorno do espectro autista nos censos demográficos. Brasília, DF, 2019.

Battistello, V. CM., Elicker, AT. ., Volmer, L., Martins, RL. A contação de histórias para crianças autistas. Letras De Hoje, 55(3), e36496. 2020https://doi.org/10.15448/1984-7726.2020.3.36496

Campos, AS., Magnani, CS. . Do conto à inclusão: estratégias para a inclusão do TEA na contação de histórias. Revista Multidisciplinar Do UniSantaCruz, 2(1), e386.2024 https://doi.org/10.55905/rmuscv2n1-001

DIETER, MT F; ANTUNES, JM; VOLMER, L. Contação de histórias: um caminho para encantar alunos e enriquecer a prática pedagógica. EccoS – Revista Científica, [S. l.], n. 69, p. e26379, 2024. DOI: 10.5585/eccos.n6 9.26379. Disponível em: https://uninove.emnuvens.com.br/eccos/article/view/26379

DELIBERATO,D; ADURENS, FD; ROCHA, AND. Brincar e Contar Histórias com Crianças com Transtorno do Espectro Autista: Mediação do Adulto. Relato de Pesquisa. Rev. bras. educ. espec. 27 2021 https://doi.org/10.1590/1980-54702021v27e0128

FERNANDES, CS.; TOMAZELLI, J.; GIRIANELLI, VR. Diagnóstico de autismo no século XXI: evolução dos domínios nas categorizações nosológicas. Psicologia USP, v. 31, p. e200027, 2020

Gomes, MM., Cabral, S., Lacerda Ramos, R. Contando histórias e brincando com autistas no ensino regular. Revista CHO - Contação De Histórias E Oralidade, 3(2), 24–34. 2024 Recuperado de https://www.revistas.uneb.br/index.php/cho/article/view/20987

SILVA, D. Biblioteca escolar e a inclusão de crianças com o transtorno do espectro autista (TEA):revisão sistemática de literatura, (monografia de graduação). Universidade do Maranhão. 2023. Disponivel em: https://monografias.ufma.br/jspui/bitstream/123456789/7729/1/DJANE%20DA%20SILVA.pdf

SILVA, AC .A importância da contação de história na educação infantil: [s.n], 2021, Disponivel em: https://revista.fcc.edu.br/index.php/tcc-pedagogia/article/view/64/64

Silva Filho, AH .A importância de contar histórias na educação infantil. Epitaya E-Books, 1(84), 23-38.2024 https://doi.org/10.47879/ed.ep.2024554p23

SOUZA, S.; ARCHANGELO, A.; MENDONÇA, L. C. de. (Des)interesse por escutar histórias: a fragmentação dos nexos de significação e a importância do contador. Nuances: Estudos sobre Educação, Presidente Prudente, v. 31, p. 345–357, 2020. DOI: 10.32930/nuances.v31i0.8331. Disponível em: https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/8331.

Souza, RCS (org.) et al. Pontos e contrapontos da educação inclusiva -- 1. ed. – Aracaju, SE: Criação Editora, 2024.